

Resenha do livro “Marxismo e política: modos de usar”, de Luis Felipe Miguel

Book Review “Marxism and politics: ways of using it”, by Luis Felipe Miguel

Cristiano Mezzaroba¹
Universidade Federal de Sergipe/UFS
cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Bárbara de Carvalho Ortega²
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/PPGICH/UFSC
barbarao.ortega@gmail.com

Julia Siqueira da Rocha³
Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina/UFSC/CNPq
jsiqueiradarocha@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta a resenha do livro “Marxismo e política: modos de usar”, do cientista político Luis Felipe Miguel. A obra, que conta com apresentação, introdução, 9 capítulos temáticos, conclusões e referências, apresenta o marxismo em diálogo com a área da Ciência Política, na defesa explícita de que a teoria marxista proporciona ferramentas importantes para a análise do mundo contemporâneo, tendo como perspectiva sua transformação. Classes sociais, alienação, Estado e fetichismo são alguns dos conceitos recuperados pelo autor, que também não poupa críticas à teoria, impedindo que esta última se torne menos uma espécie de lente para investigar o mundo, e mais um dogma a seguir. Junto dessas discussões, soma-se na obra uma interlocução com outros

¹ Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

teóricos além de Karl Marx, a fim de apresentar ao leitor análises sobre questões de gênero, étnico-racial e ambientais. Nesse sentido, este livro contribui não apenas para compreender porque a teoria marxista é um clássico, mas também para o desenvolvimento desse referencial, em diálogo com outros recortes das diversas desigualdades e o foco evidente na transformação social.

Palavras-chave: marxismo; ciência política, Luis Felipe Miguel

Abstract: This paper presents a review of the book “Marxism and politics: ways of using it” by political scientist Luis Felipe Miguel. The work, which includes a preface, introduction, 9 thematic chapters, conclusions, and bibliographic references, presents marxism in dialogue with the field of Political Science, explicitly defending the idea that Marxist theory provides important tools for analyzing the contemporary world, with the goal of transforming it. Social classes, alienation, the state, and fetishism are some of the concepts revisited by the author, who also does not shy away from criticizing the theory itself—preventing it from becoming more of a dogma to follow than a lens through which to investigate the world. Alongside these discussions, the book also engages with other theorists beyond Karl Marx in order to offer the reader analyses of gender, ethnic-racial, and environmental issues. In this sense, the book contributes not only to understanding why Marxist theory is a classic, but also to the development of this framework in dialogue with different aspects of various inequalities and an evident focus on social transformation.

Keywords: marxism; political science; Luis Felipe Miguel

A obra mais recente de Luis Felipe Miguel – *Marxismo e política: modos de usar* – apresenta ao leitor brasileiro e ao campo acadêmico-científico uma importante e atualizada discussão quanto à importância de algumas categorias marxianas para a Ciência Política, e se alargando para outros campos do conhecimento vinculados às Ciências Humanas e Sociais, indagando, principalmente, acerca da indissociabilidade entre marxismo e prática política.

Do começo ao fim do livro, a complementação ao título de sua obra – “modos de usar” – se revela como estratégia provocativa para instigar a Ciência Política a se abrir às ideias marxistas como elemento tensionador que ajudaria a melhor compreender o papel da política diante das questões contemporâneas, evidenciando, assim, não só a atualização da obra de Karl Marx, mas apresentando e discutindo as limitações dessas categorias (quanto à questão ecológica e às questões de gênero e raça, por exemplo) e potencialidades desse arcabouço marxiano (em relação ao capitalismo, classe social, alienação e fetichismo, por outro lado).

O livro é apresentado por Andréia Galvão⁴, professora do Departamento de Ciência Política da Unicamp, pesquisadora relacionada à temática das relações de trabalho e da ação sindical e dos impactos do neoliberalismo no mundo contemporâneo e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Trabalho, reformas neoliberais, movimentos sindicais e sociais”, a qual avalia que Luis Felipe Miguel realiza “com clareza e maestria” (p. 8) suas intencionalidades na obra: “[...] instigar a ciência política a se abrir, sem preconceitos, às contribuições do marxismo, considerando os temas que abarca, os conceitos que produz e o horizonte emancipatório que o orienta.” (p. 8).

O conjunto textual, em sua sequência, contém a introdução da obra e um conjunto de 9 (nove) blocos de textos (sobre: Política e economia; As classes sociais; Divisão sexual do trabalho e classes; Capitalismo e desigualdade racial; O Estado; Democracia, emancipação e capitalismo; Alienação e fetichismo; A transformação social; A questão ecológica), além da conclusão, das referências bibliográficas mencionadas e de uma pequena menção “sobre o autor”.

Na introdução, Luis Felipe Miguel destaca a importância e potência da obra de Karl Marx aos mais diversos campos do saber, estimulando a pensar quanto à contribuição do marxismo às diversas disciplinas científicas, principalmente as vinculadas às Humanidades, ao trazer para a centralidade a concepção materialista da história. Também evidencia-se, na introdução, a crítica que vai acompanhar todos os blocos temáticos do livro em relação à posição da Ciência Política – enquanto disciplina surgida nos EUA e os valores que acompanham a reprodução dessa matriz teórica e analítica no mundo – quanto ao que o autor vai chamar de “fetichismo da empiria” (p. 19). Segundo Miguel (2024, p. 19): “[...] A ciência política passa longe, portanto, do caráter emancipatório que Marx quis dar à sua própria empreitada teórica”. Miguel vai propor, então, em seu livro, “[...] um exame introdutório sobre a utilidade das categorias marxianas ou nascidas da tradição marxista para a produção de uma ciência política mais capaz de entender o mundo social” (Miguel, 2024, p. 21).

Conforme vamos adentrando na leitura das partes do livro, evidenciam-se dois elementos. O primeiro, quanto à estratégia do autor em confirmar sua hipótese na crença no marxismo para a transformação social: o livro nos instiga a pensar na transformação social, àquilo que Pierre Bourdieu denominou como “campo dos possíveis” (ou campo das possibilidades). Conforme Miguel (2014):

É possível discutir o quanto da utopia comunista de Marx é realizável – se é de fato possível almejar uma situação de absoluta superação do conflito distributivo e de harmonia plena entre indivíduos e coletividade. Mas é inegável que seu horizonte ético é o da ampliação da liberdade humana. Ela é, ousado dizer, o valor central do projeto de transformação social não só de Marx, mas de todas as correntes da esquerda. (MIGUEL, 2014, p. 161)

Na seção final do livro, Luis Felipe Miguel afirma ser “marxista toda minha vida” e novamente argumenta em prol da defesa de seu “manual” quanto aos usos de Marx e do marxismo:

⁴ Informações extraídas do *site*:

<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/colaboradores/filosofia/405/Andr%C3%A9ia%20Galv%C3%A3o>. Acesso em: 24 jun. 2025.

[...] O que faz Marx permanecer vivo não é um retrato na parede, mas a atualidade de suas contribuições para a compreensão do mundo. E essa atualidade é tamanha que toda ciência social digna desse nome é tributária do marxismo: o materialismo histórico é a base necessária de qualquer investigação consequente da ação humana em sociedade. (MIGUEL, 2014, p. 183)

O segundo elemento refere-se à fácil visualização de uma “gramática” em como o livro – ou seria um “manual”? – está organizado. Nas primeiras linhas textuais de cada seção textual, temos uma síntese do que será abordado de forma bem direta. Nas últimas linhas de cada capítulo, o autor, de forma muito objetiva, clara e afirmativa, opera em sua argumentação na defesa dos aspectos marxistas em relação à leitura da realidade e seus projetos. É assim que, de forma muito didática, Luis Felipe Miguel realiza um “movimento” quanto aos “modos de usar” do marxismo: trazendo seus limites e possibilidades. Quem acompanha o referido autor/pesquisador/professor, sabe que ele aborda, quase que cotidianamente, em suas redes sociais, os temas do contemporâneo, com seus recortes e suas escolhas, mas com muita pertinência e potência crítica.

Os capítulos iniciais dedicam-se a demonstrar o materialismo histórico como método que perspectiva política e economia em sua necessária e complexa relação, amalgamada nas práticas sociais, abrindo a ideia de que é possível perspectivar a realidade política sem isolar os seus vetores, ou sem subjugar uma a outra.

Na sequência, o autor chama às reflexões o Manifesto Comunista para centralizar o conceito de classe social e os conflitos e disputas por elas (as classes sociais) referenciados, no entanto, chama atenção para que não se esgote nesta perspectiva todas as formas de dominação e, menos ainda, que se assuma uma divisão binária e reduzida à ideia de governantes e governados, como encontrada em outros autores clássicos.

Assim, nos capítulos três e quatro, principalmente, o autor se debruça sobre outros importantes eixos de dominação social, além da condição de classe: o gênero e a raça. Apesar de admitir que “É indiscutível que Marx e os primeiros marxistas subteorizaram a questão racial” (p. 79) e eram hostis ao feminismo, Luis Felipe argumenta que o marxismo contribuiu para o entendimento das desigualdades de gênero e raça “[...] na medida em que elas ganham sentido em sua relação com o capitalismo” (p. 80). Dentro desta proposta, busca-se a integração dessas duas categorias no âmbito teórico da análise das classes sociais, compreendendo o racismo e o sexismo como uma ideologia que produz determinado mundo social.

Contudo, notamos alguns limites teóricos na obra, quando o autor coloca como oposta a abordagem na qual ele se localiza (que traz uma interpretação materialista histórica do racismo e do sexismo) das abordagens relacionadas às interseccionalidades. Ao elaborar a crítica a esta última, Luis Felipe identifica dois momentos desta abordagem: o primeiro, se refere ao momento inicial em que a interseccionalidade foi construída, principalmente a partir do movimento feminista negro estadunidense e movimento marxista estadunidense (primeira metade do século 20), no qual constatava-se que as diferentes dominações (raça, sexualidade, gênero) “[...] estruturam as vivências e os horizontes daqueles que estão submetidos a eles de uma forma simultânea, não segmentada” (Miguel, 2024, p. 88). Em um segundo momento das teorias da interseccionalidade, contudo, o autor alega que o conceito de classe tornou-se menos relevante, em detrimento da raça e gênero.

Nas palavras do autor do livro, “As teorias da interseccionalidade, por sua vez, vêm à luz em um momento em que a variável ‘raça’ ganha espaço no feminismo, mas a variável ‘classe’ torna-se menos presente.” (Miguel, 2024, p. 89). Momento, portanto, da lógica identitária, que para o autor consiste em uma forma de demonstrar pertencimento aos grupos, muitas vezes retirando-os das estruturas sociais de dominação. Sua crítica indica que este “identitarismo” privilegia discursos liberais e idealistas, que se opõem diametralmente ao entendimento materialista histórico, deixando, portanto, de aproveitar contribuições marxistas possíveis.

Miguel vai ampliando a discussão para as importantes conquistas advindas dos movimentos sociais em especial após 1960 com protagonismo do feminismo, das questões raciais e juvenis incorporadas na epistemologia da Ciência Política. Aponta que o pós-guerra produziu reflexões que dialogavam com as tradições marxista e que junto à incorporação das outras pautas de dominação social, observa-se uma lógica identitária.

Percebe-se, também, uma discussão não tão aprofundada da articulação entre marxismo e o Estado. Dada a importância do Estado na Ciência Política e os estudos profícuos de diversos autores sobre o mesmo, inclusive do próprio Karl Marx, esta temática teria, ao nosso entender, potencial para maior densidade teórica. Como o próprio título do capítulo, específico do tema, indica: “O Estado: Democracia, emancipação e capitalismo”, depreende-se que o autor optou por um recorte bem específico para fazer sua abordagem.

Na obra, é possível identificar a defesa de Luis Felipe Miguel quanto aos usos e potencialidades argumentativas e reflexivas do marxismo no estudo das classes sociais, da dimensão da alienação e do fetichismo, além da discussão atualizada sobre a (necessária) transformação social.

Luis Felipe Miguel tem se colocado no campo acadêmico-científico brasileiro como um autor imprescindível, tanto pela coragem da sua produção em momentos de perseguição político-ideológica e negacionismo científico, como pela qualidade, potência e didatismo, ao preparar obras que dialogam com o tempo presente e os riscos e dificuldades de produzir ciência social e política. Ao articular marxismo e política, brinda-nos, seja àqueles(as) pertencentes ao campo filosófico e da ciência política, seja aqueles(as) do campo pedagógico e educacional, com textos de leitura fluida, apesar do grau de complexidade das categorias pelas quais transita em um contexto de disputas e radicalizações também em torno de conceitos e teorias.

Ler, refletir e discutir sobre os pressupostos marxistas em um universo de intensificação do neoliberalismo mundial e as implicações disso – ao Estado, aos sujeitos, às minorias étnico-raciais e de gênero, ao meio ambiente – configura-se como um movimento de ampliação do repertório de conhecimentos de um dos autores clássicos da sociologia mundial, Karl Marx, e o quanto ele vai se consolidando como um autor atual, relevante e clássico.

E assim também é, com nosso autor brasileiro e sua excelente capacidade em trazer um aspecto complexo, o marxismo – e relacionar vários aspectos ao nosso cotidiano. Luis Felipe Miguel nos oferece um livro em formato de manual para que os agentes das Humanidades no Brasil sigam pensando e se inspirando em prol da transformação social, com olhar atento(a) ao papel das empresas midiáticas na conformação de subjetividades e no “encobrimento” dos fatos; (b) atentos às categorias da alienação e do fetichismo que têm

dado a tônica no cenário do capitalismo atual; (c) a necessidade de um livro como este dar uma “sacudida” na Ciência Política e seus conformismos.

A obra, ao nosso ver, torna-se um “manual” – conforme apontado no próprio título – para entender os mecanismos de dominação, demonstrando como os conceitos da teoria marxista ainda são potentes ferramentas para analisar o mundo, objetivando transformá-lo. E isso não é pouca coisa nos tempos que somos dominados sob várias formas, pensando ter liberdade e autonomia.

Referências

MIGUEL, Luis Felipe. **Marxismo e política: modos de usar**. São Paulo: Boitempo, 2024.

Submetido: 20/02/2025

Aceito: 10/10/2025